

UNIVERSIDADE DO PÔRTO
FACULDADE DE SCIÉNCIAS

Terceiro apêndice à lista
das espécies representadas

NO

HERBÁRIO PORTUGUÊS

PELO

Prof. GONÇALO SAMPAIO



18 de Novembro de 1914

PROLOGUS ET ALLEGORIAS

DE L'ALLEGORIE DE LA VIE
ET DE LA MORT DE JESUS CHRIST

PARIS, 1610.

LIBRAIRIE GARNIER

Cheilanthes pteridioides, Christen.

raç. hispanica, Samp.; *Cheilanthes hispanica*, Mett.

Estou hoje convencido de que se não encontra no nosso país o tipo da *Ch. pteridioides*, porque dos exemplares que lhe tem sido referidos pelos botânicos portugueses aqueles que eu pude examinar são, como verifiquei ultimamente, formas da *Ch. hispanica* Mett., que é bastante polimorfa, mas que se distinguem sempre da primeira pelos pecíolos nus, ou providos de raras palhetas só na sua parte inferior.

As frondes da *Ch. hispanica* tanto se apresentam acen-tuadamente triangulares como um pouco estreitas e alongadas, podendo aparecer nuas, ou cobertas na página inferior de escamas ferrugíneas. Todas estas formas, porém, oferecem transições graduais entre si e encontram-se freqüentemente misturadas, em diversas localidades.

HYDROCHLOA, Host (1801); *Glyceria*, R. Brown (1810); *Panicularia* Heist (1748).

O termo genérico *Hydróchloa*, fundado e binomizado por Host, não pode ser substituído pelo seu sinônimo *Glycélaria*, que é mais novo, nem empregado com sentido diverso do primitivo, como indevidamente fez Palisot de Beauvois, em 1812.

O nome *Paniculária*, restaurado por Fabricius em 1763, também não pode ter preferência, segundo o critério adoptado na LISTA, porque só em 1891 é que foi empregado em nomenclatura binária, pelo ilustre reformador alemão O. Kuntze.

Hydrochloa fluitans, Host (1801 e 1827); *Glyceria fluitans*, R. Brown (1810).

Hordeum maritimum, With (1776); *Hordeum marinum*, P. Cout., non Huds.

Foi por uma lamentável falta de atenção que neste ponto da LISTA me deixei guiar pela «Flora de Portugal» do snr. P. Coutinho, confundindo assim o *H. maritimum* With com o *H. marinum*, Huds.

Juncus glaucus, Ehrh. (1791); **Juncus inflexus**, Lin. var. γ (1753).

O nome *J. inflexus* só pode legitimamente ser usado para o tipo da espécie que Linneu assim denominou, o qual parece ser, pela estampa de Morison citada por Linneu, o *J. tenuis* Willd.

Juncus subnodulosus, Schrank (1789); **Juncus obtusiflorus**, Ehrh. (1791).

Juncus articulatus, Lin. (1753) excl. var. β γ e δ ; **Juncus aquaticus**, All. (1785); **Juncus lampocarpus**, Ehrh. (1791).

Como se sabe, as plantas que Linneu incluiu no seu *J. articulatus* como variedades β , γ e δ são consideradas hoje verdadeiras formas específicas, a que respectivamente correspondem as denominações *J. alpinus* Willd., *J. acutiflorus* Ehrh. e *J. subnodulosus* Schrk. A forma típica da espécie linneana constitui, precisamente, o *J. lampocarpus* Ehrh.

Juncus bulbosus, Lin. (1753, non 1762); **Juncus supinus**, Mœnch (1777).

As figuras de Morison, citadas por Linneu, comprovam com toda a segurança que o tipo e a var. β do *J. bulbosus* da 1.^a edic. do «Species plantarum» representam a planta denominada por Mœnch *J. supinus*, nas suas formas normal e vivipara.

PUBILARIA, Raf. (1836); **Simethis**, Kunth (1843).

O nome genérico *Pubilária* deve-se preferir, não só por ser mais antigo que o seu sinónimo *Simethis*, mas também por ter prioridade de emprego em nomenclatura binária, segundo as indicações do «Index Kewensis».

Pubilaria planifolia, Samp. (maio de 1914); **Anthericum planifolium**, Vand. in Lin. (1771); **Anthericum bicolor**, Desf. (1798); **Pubilaria bicolor**, Raf. (1836); **Simethis bicolor**, Kunth (1843); **Simethis planifolia**, Gren. et Godr. (1855).

Asparagus altilis, Crtz. (1766); Aschers. (1864); **Asparagus officinalis** var. γ *altilis*, Lin. (1753); **Asparagus sativus**, Hill (1754); **Asparagus offi-**

cinalis, Lin. (1755); *Asparagus hortensis*, Mill. (1768).

O tipo específico do *Asparagus officinalis* da 1.^a edie. do «Species plantarum» de Linneu é a sua forma *maritimus*, que corresponde ao *Asparagus maritimus* Crtz. (1766), Mill. (1768).

Ophrys rosea, Samp. (maio de 1914); *Ophrys insectifera* var. *rosea*, Desf. (1800); *Ophrys tenthredinifera* Willd. (1800); *Ophrys villosa*, Desf. (1807); *Ophrys arachnites* Link (1799) non Lamk. (1778). 15

Desfontaines não empregou nem constituiu para esta planta o binome *Ophrys rosea*, como por evidente equívoco é indicado na «Flora orientalis» de Boissier.

Orchis sesquipedalis, Willd. (1806); *Orchis incarnata* auct. lusit., non Lin.; *Orchis latifolia* Link non Lin.; *Orchis lusitanica*, Steud. (1841); *Orchis incarnata* var. *sesquipedalis*, Rch. p. p. (1851).

A nossa planta apresenta diversas formas mais ou menos salientes, mas por qualquer delas é sempre bem distinta da verdadeira *Orchis incarnata* Lin., que julgo não se encontrar em Portugal.

Betula alba, Lin. (1753); *Betula alba* α *vulgaris* Ait. (1789); *Betula pubescens*, Ehrh. (1789-90); *Betula alba* raç. *pubescens* Lévl. (1906).

Da *Betula alba* Lin. destacou Roth, em 1788, a sua *Betula pendula*; por isso deve ficar para o resíduo a designação linneana, que não pode ser mudada, segundo os art. 44.^º e 47.^º das Regras da nomenclatura do Congresso de Viena.

Quercus fagínea, Lamk.

raç. *lusitanica*, Samp.; *Quercus fagínea* var. *humilis*, Samp.; *Quercus humilis*, Lamk. non Mill.; *Q. lusitánica* Lamk.

Ulmus campestris Lin. (1753); *Ulmus vulgaris*, P. Pall. (1779).

Em 1762, do *Ulmus campestris* Lin. destacou Hudson o seu *Ulmus glabra*. Nestas condições deve-se manter para a parte residual o binome linneano.

Parietaria vulgaris, Hill (1756); *Parietaria ramiflora*, Mönch (1794); *Parietaria diffusa*, Mert. et Koch (1823).

E' indubitável, conforme estabeleceu ultimamente o snr. Druce, que sob o nome *P. vulgaris* se refere Hill à *P. ramiflora*. — Hill dá uma estampa da planta e diz que é comum na Inglaterra.

Salicornia fruticosa, Hill (1756) non Lin. (1762); *Salicornia radicans*, Sm. (1807).

Não pode haver a menor hesitação em aceitar-se como segura a sinonímia,posta recentemente pelo autorizado nomenclaturista inglês snr. Druce, entre as *S. fruticosa* Hill e *S. radicans*, Sm.

Salicornia glauca, Stok. (1812) non Del. (1813); *Salicornia europaea* var. *fruticosa*, Lin. (1753); *Salicornia fruticosa* Lin. (1762) non Hill (1756).

O binome *S. fruticosa* não pode ser aceite para esta planta, pois que na época em que Linneu o propôz já estava aplicado por Hill a uma espécie diversa.

Chenopodium album Lin (1753); *Chenopodium candicans*, Lamk. (1778).

Lamarck reconheceu que constituem uma só espécie, que denominou *Chenopodium candicans*, as plantas de Linneu *Ch. album* e *Ch. viride*. Segundo as regras do Congresso de Vienna deve-se, no entanto, adoptar ainda o binome *Ch. album*, Lin. para designar a espécie no conceito lamarckiano.

Fagopyrum scandens Hill (1756); *Polygonum dumetorum*, Lin. (1762); *Fagopyrum dumetorum*, Schreb. (1771).

Rumex tingitanus, Lœfl. (1758); Lin. (1759).

Deve-se observar que o binome de Lœfling foi publicado no seu «Iter Hispanicum» sem descrição da planta.

Thalictrum flavum, Lin.

raç. speciosum, Samp.; *Th. flavum* var. *speciosum*, Lin. (1753); *Th. speciosissimum*, Lœfl. (1758); *Th. glaucum*, Desf. (1804); *Th. speciosum*, Poir. (1804, non Mill. 1768); *Th. flavum* *raç. glaucum*, Samp. (1909).

Ranunculus parviflorus, Lœfl. (1758), Lin. (1759).

Loefling publicou o binome com uma diagnose insuficiente da espécie; mas, dadas as íntimas relações botânicas entre ele e Linneu, é de concluir que se refira á mesma planta que, com igual designação, descreveu um ano depois este último.

Ranunculus aquatilis Lin. (1753) p. m. p.;
Ranunculus confusus, Godr. + *R. Baudotii*, Godr.

Do tipo do *R. aquatilis* Lin. foram destacadas sucessivamente diferentes espécies, até ficar uma parte residual para a qual se tem de manter o binome linneano, e que é a espécie definida geralmente pelo conjunto dos *R. Baudotii* e *R. confusus*.

Delphinium pentagynum, Lamk. (1786); Desf. (1798).

Fumaria densiflora, DC. (1813); *Fumaria micrantha*, Lag. (1816).

CHEIRANTHUS, Lin. (1737 e 1753); *Leucoium*, Adans. (1763); *Mathiola*, R. Brown (1812), non Lin. (1737 e 1753).

Em 1763, Adanson desdobrou o género *Cheiranthus* Lin. em dois: o gen. *Cheiri*, cuja designação é perfeitamente válida, e o gen. *Leucoium*, de que se não podia aceitar o nome, visto que Linneu o tinha empregado em nomenclatura binária na 1.^a edic. do «Species plantarum» com uma significação diversa. Muitos anos depois, ao género chamado *Leucoium* por Adanson deu R. Brown o nome *Mathiola*; mas esta designação também se não pode sustentar, de modo algum, porque tinha sido igualmente usada por Linneu, em 1753, com binomização e num sentido diferente, que não é permitido mudar.

Outros nomes foram propostos ainda; no entanto nenhum deles pode ser aceite, pelas seguintes razões: Desde que Adanson dividiu o gen. *Cheiranthus* Lin. em dois, um dos novos géneros tem de ficar — segundo uma das boas normas de nomenclatura, formulada no art. 45.^o das regras do Congresso de Vienna — com a designação do género desdobrado, e só para o outro se deve adoptar uma designação diferente. Claro está que, nestas circunstâncias, o nome *Cheiranthus* tem de persistir para o novo género que comporta maior número de espécies e que é aquele, além disso, a que Adanson e Brown deram designações insustentáveis, ao passo que o outro novo género deve conservar o nome *Cheiri*, que lhe deu Adanson e que é rigorosamente válido e, além disso, bem escolhido, por se apoiar na tradição.

Cheiranthus incanus, Lin. (1753); *Mathiola incana*, R. Brown.

Cheiranthus sinuatus, Lin. (1763); *Mathiola sinuata*, R. Brown.

Cheiranthus parviflorus, Schousb.; *Mathiola parviflora*, R. Brown.

Cheiranthus fruticulosus, Lœfl. (in Lin. an. 1753, non Lin. an. 1767), Lœfl. (1758) + *Hesperis provincialis*, Lin. (1753); *Cheiranthus tristis*, Lœfl. (in Lin. an. 1759).

Em 1759 Linneu reconheceu que a sua *Hesperis provincialis* não passava de uma simples forma do *Cheiranthus fruticulosus*, Lœfl., a que aplicou então o nome *Cheiranthus tristis*, Lœfl. O binome *Ch. fruticulosus*, posto assim de parte, empregou-o ele novamente em 1767, para uma planta que constitui a forma bravia do seu *Cheiranthus Cheiri*.

CHEIRI, Adans. (1763); *Cheiranthus*, auct. mult.

O nome genérico *Cheiri* é absolutamente válido e foi empregado pela primeira vez na nomenclatura binária em 1811, por Clairville.

Cheiri murale, Samp. (junho de 1914); *Cheiranthus Cheiri* Lin. (1753); *Cheiranthus fruticulosus*, Lin. (1767) non Lœfl. in Lin. (1753); *Erysimum Cheiri*, Crtz.; *Leucoium Cheiri*, Med.; *Erysimum murale*, Lamk. (1778); *Leucoium vulgare*, Ort. (1784); *Cheiranthus muralis*, Salisb. (1796); *Cheiri montanum*, Clairv. (1811).

Ulex europaeus, Lin. (1753); *Ulex grandiflorus*, Pourr. (1788); *Ulex episthólepis*, Webb (1852).

O abade Pourret decompoz o *Ulex europaeus* Lin. em duas espécies: *Ulex grandiflorus* e *U. parviflorus*. Para designar o primeiro destes deve-se conservar, no entanto, o binome linneano, conforme as regras hoje adoptadas em nomenclatura.

Stauracanthus Boivini, Samp.; *Ulex Boivini*, Webb (1838) + *Ulex Webbianus*, Coss. (1849) + *Ulex Vaillantii*, Nym. (1854-5); + *Ulex Escay-*

racii, Nym. (1854-5) + *Ulex luridus*, Nym. (1854-5); *Stauracanthus nepa*, Samp. (1911).

Todas as plantas que entram no gen. *Nepa* Webb constituem uma só espécie, apesar de muitas das suas formas terem sido descritas, por exemplares de herbário, como verdadeiras unidades específicas.

Genista Tornefortii, Spach (1844); *Genista tenuispina*, Samp. (1911).

Antes de eu ter reunido as *G. Tourneforti* Spach e *G. decipiens* Spach, já diversos botânicos as haviam juntado numa só espécie, para a qual adoptaram o primeiro destes dois binomes.

Ononis pusilla, Lœfl. (1758); Lin. (1759); *Ononis Columnæ*, All. (1774).

O binome de Lœfling apareceu sem descrição alguma da planta respectiva.

Ononis Maweana, Ball. (1873); *Ononis Hackeli*, Lge. (1877).

Esta sinonímia foi-me amavelmente comunicada, em carta, pelo ilustre botânico snr. Carlos Pau, que a estabeleceu com toda a segurança, em presença de exemplares portuguêses do *O. Hackeli* e de exemplares africanos do *O. Maweana*, que recentemente recebeu de Marrocos.

Ao sábio fitologista espanhol e muito prezado amigo consigno aqui o meu reconhecimento.

Trifolium perpusillum, Simk. in. F. Schiltz (1890); *Trifolium-Melilotus ornithopodioides*, Lin. (1753); *Trifolium ornithopodioides*, Sm. (1800)⁽¹⁾ non Lœfl. (1758); *Trigonella purpurascens*, Lamk. (1778); *Melilotus ornithopodioides*, Desr. (1797); *Trigonella ornithopodioides*, DC. (1805); *Falcatula falsotrifolium*, Brot. (1816); *Falcatula ornithopodioides*, Samp. (1910).

Esta planta apresenta alguns caracteres e, sobretudo, um aspecto particular que a separam bastante das outras espécies do género *Trifolium*, como na «Flore française», já claramente o consignou Lamarck. Para Linneu e Des-

⁽¹⁾ O binome *Trifolium ornithopodioides* aplicado a esta planta aparece já em 1760, na edic. XI do «Systema Naturæ», redigida por João Joaquim Lange.

rousseau era mais proxima do grupo dos *Melilotus*, em que a incorporaram; Lamarck e De Candolle filiaram-na no género *Trigonella*; Smith e outros colocaram-na no género *Trifolium*; Brotero, finalmente, estabeleceu com ela o género especial *Falcácula*.

Como a sua organização floral não permite, de modo algum, inclui-la nos géneros *Melilotus* e *Trigonella*, de que se aproxima, no entanto, por certas particularidades, e como se afasta muito, pelo porte e caracteres, das outras espécies de *Trifolium*, julgo que melhor seria isolar a planta em género próprio, já criado por Brotero.

Astragalus hypoglottis, Lin. (1771), non DC.; Brot. Phyt. lusit. I, 145, tab. 60; *Astragalus granatensis*, Lge. (1865) non Lamk. (1783); *Astragalus glaux* var. *Broteri*, Samp. (1911).

O estudo que ultimamente pude fazer desta planta, em presença de bons exemplares dos arredores de Coimbra, convenceu-me de que não pode restar a menor dúvida de que ela representa o verdadeiro *Ast. hypoglottis* Lin. e deve ser considerada especificamente distinta do *Ast. glaux* Lin., de que se aparta bem por ser anual (e não vivaz, como mais parece a Lange), por ter os caules proporcionalmente mais grossos, decaídos, quasi hirsutos, mas desprovidos de pêlos negros, como as estípulas e pecíolos, pelos glomérulos florais bastante maiores, pelos cálices de dentes mais longos que o tubo, pelas corolas intensamente coloridas, pelos frutos maiores, subtrigonais, profundamente sulcados no bordo ventral, com bico uncinado e pêlos calosos na base, contendo 2-6 sementes.

As indicações que Linneu fornece sobre o seu *A. hypoglottis* ajustam-se com surpreendente exactidão a todos os caracteres — ainda os mais particulares — da planta figurada e descrita por Brotero com o mesmo binome. Diz Lange que se não pode aplicar bem à nossa planta as palavras linneanas: «flores in capitulo 8-10», legumina replicata, acumine duplici subulato». Ora Lange altera e mutila as frases de Linneu, que não assevera que as flores são 8-10 em capítulo, mas sim *mais de 8 ou 10, em capítulo*. («Flores plures ad 8 s. 10, in capitulo . . .»), assim como escreve relativamente aos frutos: «acumine duplici (in matris), subulatis».

Devo esclarecer não só que o fruto da nossa espécie apresenta os bordos ventrais tão profundamente inflectidos para o interior que fazem parecer uma bagem realmente dobrada («replicata»), como certos folíolos, mas também que na maturação o carpelo se abre frequentemente no acúmen, ficando este dividido em dois.

Também Brotero observa que o seu *A. hypoglottis* tem a raiz anual e não vivaz como o do norte da Europa. Esta nota, porém, não tem razão de ser, porque Linneu indica que a sua espécie é anual e espanhola, mas explica-se pelo facto de De Candolle ter feito a identificação da planta linneana com o *A. danicus*, Retz., identificação que, não obstante ser seguida por muitos botâ-

nicos é absolutamente insustentável, como já o demonstrou Lange.

Não se esqueça que a planta tem grande semelhança de aspecto com o *A. pentaglottis*—o que já notaram Linneu e Brotero—e que isto explica o facto de alguns autores referirem a esta espécie o *A. hypoglottis*, Brot. No entanto os dois Astragalos são bem diferentes por caracteres importantes, tendo um as estípulas livres e o outro soldadas.

Viola canina, Lin. (1753) p. m. p.; *Viola silvestris*, Lamk. (1778); *Viola silvatica*, Fries (1817).

Veja-se a este respeito o final da nota n.º 6 que se encontra na LISTA, a pag. 72.

Ruta montana, Lœfl. (1758); Mill. (1768); *Ruta graveolens* var. *montana*, Lin. (1756).

O binome *Ruta montana* pertence originalmente a Clusius, que deu uma gravura da planta; dentro do período da nomenclatura binária, porém, aparece pela primeira vez empregado por Loeffling, no seu «Iter Hispanicum», com uma extensa diagnose desta espécie.

Spergula pentandra, Lin. (1753); *Spergula vernalis*, Willd. (1727).

O nome dado por Linneu, embora pouco próprio para algumas formas da planta, que pode ter 5-10 estames, deve ser conservado. A *Sp. vernalis* constitui uma das suas variedades, a mais frequente no nosso país.

Cerastium viscosum, Lin. (1753); *Cerastium glomeratum*, Thuill. (1799).

O binome mais antigo tem sido rejeitado por diversos autores, sob o pretexto de que a planta que se encontra no herbário de Linneu etiquetada como *C. viscosum* pertence a outra espécie. Aceitando, porém, como boa e conveniente a regra «descriptio praestat herbálio», adopto definitivamente este nome linneano.

Cotyledon hispanica, Lin. (1753); Lœfl. (1758).

Agrimonia eupatoria, Lin.

raç. *odorata*, Lévl. (1906); *Agrimonia eupatoria* var. *odorata*, Lin. (1756); *Agrimonia odorata*, Quer (1762); Mill. (1768).

Caucalis Durieua, Samp.; *Caucalis hispanica*, Lamk. (1783) non Crtz. (1767); *Durieua hispanica*, Bois. (1842); *Daucus Durieua*, Lge. (1880).

Chærophillum anthriscus, Crtz. (1767); Lamk. (1783).

Chærophillum nodosum, Crtz. (1767); Lamk. (1783).

Estes dois ultimos binomes, atribuidos a Lamarck, encontram-se originalmente adoptados por Crantz, no seu livro «*Classis umbelliferarum*».

CACHRYS, Riv.; Lin. (1735 e 1753); *Cachrydium*, Link (1829); *Hippomárrathrum*, Bocc. (1674), Hoff. et Lk. (1820), non Riv. (1699), Hall. (1745), Gært. Mey et Scherb. (1799).

Cachrys libanotis, Lin. (1753), non Lœfl. (1758); *Smyrnium libanotis*, Crtz. (1767); *Hippomárrathrum libanotis*, Koch in DC. (1830); *Hip. Bocconi*, Bois. (1844).

Cachrys sicula, Lin. (1762), *Smyrnium hispidum*, Crtz. (1767); *Hippomárrathrum siculum*, Hoff. et Lk. (1820); *Cachrys pterochlæna*, DC. (1830); *Hippomárrathrum pterochlænum*, Bois. (1844).

O nome *Cachrys* foi aplicado por Linneu a um género em que incluiu apenas a *C. libanotis*, em 1753, e a *C. sicula*, em 1762. Este nome, portanto, não se pode substituir, como indevidamente fizeram Hoff. et Link, pelo termo *Hippomárrathrum*, o qual, alem disso, já tinha sido anteriormente empregado por Gært. Mey et Scherb. em nomenclatura bínaria, com sentido diverso.

ARMARÍNTEA, Bub. (1900); *Libanotis*, Grisl. (1661), non Riv. (1699), nec Hill (1756), Crtz. (1767); *Cachrys*, Hoff. et Lk (1820), Koch. (1824), non Lin. s. str.

Desde que se considera este género como autónomo e distinto do gen. *Cachrys* de Linneu, claro está que só pode ser denominado *Armaríntea*. E' contra todos os preceitos de nomenclatura que a maioria dos autores lhe conserva a

designação *Cachrys*, abusivamente roubada, por esta forma, ao género em que entram as duas únicas espécies que Linneu descreveu e denominou bináriamente no seu gen. *Cachrys*.

Armarintaea trifida, Samp.; *Cachrys libanotis*, Lœfl. (1758), non Lin. (1753); *Libanotis cacherifera*, Grys. (1661); *Cachrys trifida*, Mill. (1768); *C. laevigata*, Lamk. (1783); *C. Morisoni*, All. (1789); *Armarintaea Morisoni*, Bub. (1900).

Não é verdade, como indicam alguns autores, que esta planta constituisse para Linneu, em 1753, o tipo da sua *Cachrys libanotis*. A sinónmia indicada por Linneu para Morison — cujas figuras são excelentes — não deixa neste ponto a menor dúvida.

Oenanthe phelandrium. Lamk. (1778); *Phe-landrium aquaticum*, Lin. (1753); *Ligisticum phelandrium*, Crtz. (1767); *Oenanthe aquatica*, Poir. (1794) non Ort. (1784).

Centaurium minus, Hill (1754); Gars. (1764); Quer (1764); *Centaurium umbellatum*, Gilib. (1782).

Solanum nigrum, Lin. (1753), *Solanum morella*, Desv. (1818).

raç. **vulgare** (Lin.); *S. nigrum* \approx *vulgare* Lin. (1753); *S. morella* raç. *nigrum*, Samp. (1913).

Alecterolophus crista-galli, M. Bieb.; *Rhinanthus crista-galli*, Lin. (1753) excl. var. β e γ ; *Rhinanthus vulgaris*, Hill (1756); *Rhinanthus minor*, Ehrh. (1791); *Alecterolophus minor*, West et Gr.

A forma típica do *Rhinanthus crista-galli* de Linneu corresponde ao *Rh. vulgaris* Hill, que é, realmente, como põe o sr. Druce, o *Rh. minor*, Ehrh.

Echium vulgare, Lin.

raç. *lusitanicum*, Samp.; *Echium lusitanicum*, Lin. (1753); *Echium tuberculatum*, Hoff. et Lk, non Gilib.; *Echium postulatum*, Sm. et Sib.?

Origanum silvestre, Ort. (1784) excl. syn.
Lin.; Grisl. (1661); *Origanum vulgare*, Brot. non
Lin.; *Origanum virens*, Hoff. et Lk. (1809).

Na «Continuacion de la Flora Española», vol. vi, pag. 26, Gomez Ortega descreve, com o nome de *Origanum silvestre*, uma planta que, tanto pelo habitat e pela área geográfica que lhe indica como pelos caracteres que lhe marca na sua extensa diagnose, é sem dúvida alguma a mesma que mais tarde foi descrita e figurada por Hoff. et Link, sob a designação nem sempre própria de *O. virens*.

Realmente, Ortega não só assevera que aquela espécie é muito comum na nossa península, encontrando-se no Escorial, perto de Madrid, mas diz, também, que as suas flores estão dispostas «entre grandes cabezas casi redondas y compostas de considerable número de escamas verdes». A planta não pode ser, portanto, senão o *O. virens*, Hoff. et Link, que é o único eurérgão que se encontra nos arredores da capital espanhola (como se vê na «Fl. comp. de Madrid y su prov.» de Cutanda) e só à qual, de mais a mais, se adaptam os caracteres de glomérulos florais *grandes*, com bráteas *verdes*, indicados por Ortega. Além disso, parece que são raras as localidades da península onde se encontra o verdadeiro *O. vulgare*, Lin., não sabendo eu da sua existência em Portugal, pois julgo que a citação que dele faz o snr. P. Coutinho nas margens do Minho se refere a uma forma de bráteas avermelhadas que naquela região apresenta o *O. virens*, em mistura com o tipo.

Claro está que o binome empregado por Ortega é válido, tendo sido anteriormente posto para a mesma planta por Grisley no seu «Viridarium lusitanicum» e com igual significado, talvez, pelo célebre espanhol Laguna.

Thymus capitatus, Ort. (1784); Hoff. et Lk. (1809); *Thymum legitimum*, Clus. (1601); *Saturreja capitata*, Lin. (1753); *Thymus creticus*, Brot. (1804); *Coridothymus capitatus*, Rehb. fil. (1857).

O binome *Thymus capitatus* pertence originalmente a Ortega e não, como se tem indicado, a Hoff. et Link.

Prunella laciniata, Lin.

var. *purpurascens*, Hoff. et Lk. (1809); *Prunella intermedia*, Brot. (1804) non Link (1791); *P. laciniata* var. *purpurascens* + var. *dissecta*, Hoff. et Link; *Brunella laciniata* × *vulgaris*, P. Cout. (1907) non Staf.; HIBR. *P. intermedia* Samp. (1913).

Em junho do ano corrente tive ocasião de observar esta planta numa larga área da província da Estremadura e posso afirmar com segurança que não se trata de um pro-

duto híbrido, como foi julgado pelo snr. P. Coutinho, mas sim de uma forma pura, como a consideraram Brotero, Link e o snr. Rouy. Verifiquei que ela frutifica normalmente muito bem, que é abundante em várias localidades de uma extensa região onde não encontrei um único exemplar do tipo da *P. laciniiata*, que pudesse justificar o suposto hibridismo e que, finalmente, mantem sempre o mesmo aspecto e os caracteres que a definem, com as suas corolas de um azul celeste pouco intenso.

A planta distingue-se muito bem da *P. hastæfolia* Brot. (que Hoff. et Lk. juntaram no mesmo tipo específico) pelo tamanho e colorido das flores, pela situação do anel de pêlos do tubo da corola e por outros caracteres ainda. Com a dessicção, as corolas tornam-se violáceo-purpureescentes, sendo talvez por isto que os autores da «Flore portuguaise» lhes atribuem aquela cõr, que é, realmente, a que aparece nos exemplares de herbário.

Campanula lusitanica, Lœfl. (1758); *Campanula Lœflingii*, Brot. (1800).

O binome *Campanula lusitanica* é no «Codex bot. Lin.» de H. Richer atribuído a Linneu; no entanto eu não encontro nos escritos deste botânico justificação para isso, e no «Iter Hispanicum» de Lœfling também não conheço passagem que tal confirme. Por outro lado, Brotero publicou uma estampa e uma boa diagnose da planta, que denominou *Campanula Lœflingii*, afirmando que o autor do «Iter Hispanicum» lhe não dera designação binária. Ora esta asserção de Brotero não é exata, porque Lœflinge aplicou à nova espécie o binome *Campanula lusitanica* em duas partes da sua obra: uma na lista que apresenta de «Plantæ hispanicae rariores» e outra no «Index plantarum rariorum hispanicorum», onde com esse binome remete o leitor à extensa descrição que faz da planta.

Hedypnois rhagadioloides, Schmidt (1795); *Hyoseris hedypnois*, Lin. + *H. rhagadioloides*, Lin. + *H. cretica*, Lin.; *Hedypnois annua*, All. (1757); Ort. (1784); *H. globulifera*, Lamk. (1778); *H. cretica*, Willd. s. amp. (1804); *H. polymorpha*, DC. (1839).

Quando Scopoli, em 1772, empregou o termo *Hedypnois* como sinónimo de *Taràxacum*, Hall., já estes dois nomes haviam sido restaurados por Allioni no «Stirpium nicæensis», em 1757, com o significado que lhes tinham adscripto os seus fundadores Tournefort e A. Haller.

Nestas condições, é inteiramente descabida a inclusão na lista de «nomina conservanda» e «nomina regicienda», aprovada pelo Congresso de Vienna, dos termos *Tardxacum*, Wig. (1780) e *Hedypnois*, Scop. (1772), visto que não foi nem Wiggers nem Scopoli, mas sim Allioni (1757), quem dentro do período da nomenclatura binária empregou pela primeira vez tais designações genéricas.

Quadro das novas mudanças de nomenclatura a fazer na Lista

Pgs.

NOMES A REGEITAR

- | | |
|----|--|
| 9 | <i>Ch. hispanica</i> , Mett. |
| 23 | Glyceria , R. Brown |
| " | <i>G. fluitans</i> , R. Brown |
| 25 | <i>H. marinum</i> , Huds. |
| 26 | <i>J. inflexus</i> , Lin. |
| " | <i>J. obtusiflorus</i> , Ehrh. |
| " | <i>J. lamprocarpus</i> , Ehrh. |
| 27 | <i>J. supinus</i> , Mœnch |
| 28 | Simethis Kunth |
| " | <i>S. planifolia</i> , Gren. et Godr. |
| 34 | <i>O. tenthredinifera</i> , Willd. |
| 35 | <i>O. incarnata</i> , Lin. |
| 37 | <i>B. alba</i> , Lin. <i>raq. pubescens</i> (Ehrh.). |
| 38 | <i>Q. faginea</i> , Lamk. var. <i>humilis</i> (Dod.) |
| " | <i>U. vulgaris</i> , P. Pall. |

NOMES A ADOPTAR

- | |
|--|
| <i>raq. hispanica</i> , Samp. |
| Hydrochloa , Host |
| <i>H. fluitans</i> , Host |
| <i>H. maritimum</i> , With |
| <i>J. glaucus</i> , Ehrh. |
| <i>J. subnodulosus</i> , Seckrank |
| <i>J. articulatus</i> , Lin. |
| <i>J. bulbosus</i> , Lin. |
| Pubilaria , Raf. |
| <i>P. planifolia</i> , Samp. |
| <i>O. rosea</i> , Samp. |
| <i>O. sesquipedalis</i> , Willd. |
| <i>B. alba</i> , Lin. |
| <i>Q. faginea</i> Lamk. var. <i>lusitanica</i> , Samp. |
| <i>U. campestris</i> , Lin. |

- 39 *P. ramiflora*, Mœnch
 » *S. radicans*, J. Sm.
 » *S. fruticosa*, Lin.
 40 *Ch. candicans*, Lamk.
 41 *F. dumetorum*, Schreb.
 42 *R. tingitanus*, Lin.
 50 *Th. flavum*, Lin. rāç. *glaucum* (Desf.)
 51 *R. parviflorus*, Lin.
 52 *R. confusus*, Godr.
 53 *D. pentagynum*, Desf.
 54 *F. mierantha* Lag.
 56 ***Mathiola***, R. Brown
 » *M. incana*, R. Brown
 » *M. sinuata*, R. Brown
 » *M. parviflora*, R. Brown
Cheiranthus, Lin.
 » *Ch. cheiri*, Lin. rāç. *fruticulosus* (Lin.)
 62 *U. grandiflorus*, Pour.
 » *St. nepa*, Samp.
 » *G. tenuispina* Samp. + var. *Tournefortii*
 65 *O. pusilla*, Lin.
 » *O. Hackeli*, Lge.

- P. vulgaris*, Hill
S. fruticosa, Hill
S. glauca, Stok.
Ch. album, Lin.
F. scandens, Hill
R. tingitanus, Lœfl.
Th. flavam, Lin. rāç. *speciosum*, Samp.
R. parviflorus, Lœfl.
R. aquatilis, Lin.
D. pentagynum, Lamk.
F. densiflora, DC.
Cheiranthus, Lin.
Ch. incanus, Lin.
Ch. sinuatus, Lin.
Ch. fruticulosus, Lœfl.
Cheiri, Adans.
Ch. murale, Samp.
U. europæus, Lin.
St. Boivini, Samp.
G. Tournefortii, Spach
O. pusilla, Lœfl.
O. Mawiana, Ball.

Pag.

NOMES A REGEITAR

- 66 62 *T. ornithopodioides*, Sm.
 68 64 *A. glaux*, Lin. var. *Broteri*, Samp.
 72 68 *V. silvestris*, Lamk.
 74 77 *R. montana*, Mill.
 80 Sp. *vernalis*, Willd. + var. *pentandra*
 » *C. glomeratum*, Thuill.
 87 *C. hispanica*, Loefl.
 91 *A. eupatoria*, Lin. raç. *odorata* (Mill.)
 94 *C. hispanica*, Lamk.
 95 *Ch. anthriscus*, Lamk.
 » *Ch. nodosum*, Lamk.
 97 **Hippomárrathrum**, Hoff. et Lk.
 » *H. libanotis*, Koch.
 » *H. siculum*, Hoff. et Lk.
Cachrys, Riv.
 » *C. trifida*, Mill.
 98 *Oe. aquatica*, Poir.
 106 *C. umbellatum*, Gilib.
 107 *S. morella* Desv. raç. *nigrum*
 113 *A. minor*, West et Gr.
 118 *O. virens*, Hoff. et Lk.
 » *Th. capitatus*, Hoff. et Lk.

NOMES A ADOPTAR

- T. perpusillum*, Simk.
A. hypoglottis, Lin.
V. canina, Lin.
R. montana, Loefl.
Sp. pentandra, Lin.
C. viscosum, Lin.
C. hispanica, Lin.
A. eupatoria Lin. raç. *odorata* (Lin.)
C. Durieua, Samp.
Ch. anthriscus, Crtz.
Ch. nodosum, Crtz.
Cachrys, Riv.
C. libanotis, Lin.
C. sicula, Lin.
Armaríntea, Bub.
A. trifida, Samp.
Oe. phelandrium, Lamk.
C. minus, Hill
S. nigrum Lin. raç. *vulgare* (Lin.)
A. crista-galli, M. Bieb.
O. silvestre, Ort.
Th. capitatus, Ort.

Pgs.

NOMES A REGEITAR

- 123 *E. vulgare*, Lin. raç. *postulatum* (Sm.
et Sib.)
120 *P. vulgaris*, Lin. hibr. *P. intermedia*,
Link
127 *C. Lœflingii*, Brot.
140 *H. polymorpha*, DC.

NOMES A ADOPTAR

- E. vulgare*, Lin. raç. *lusitanicum*, Samp.
P. laciniata, Lin. var. *purpurascens*,
Hoff et Lk.
C. lusitanica, Lœfl.
H. rhagadioloides, Schmidt

Fim do terceiro e último apêndice

Hablando un dia con D: Bernardo Zá-
pete a d: nimio Alarcón, me dijo
al oírme de Gaudiger: "Hay hombres,
que para vivir, tienen que es suficiente
la conciencia religiosa". ~~Conciencia~~!

Yo mismo me quedé asombrado
de tanta ingenuidad.

Pero, catorce años en París, me dije a
mismo que era un iluminado (ilumi-
nado, digo); Miege, que era un caso
pathológico.

Gaudiger era un invertido. Me
lo dijo quien estaba con él ^{de muchachos} en casa de
Pidal y Mon, ^{y le oírle} que lo tenía de procurador
de sus hijos; Buena educación francesa!

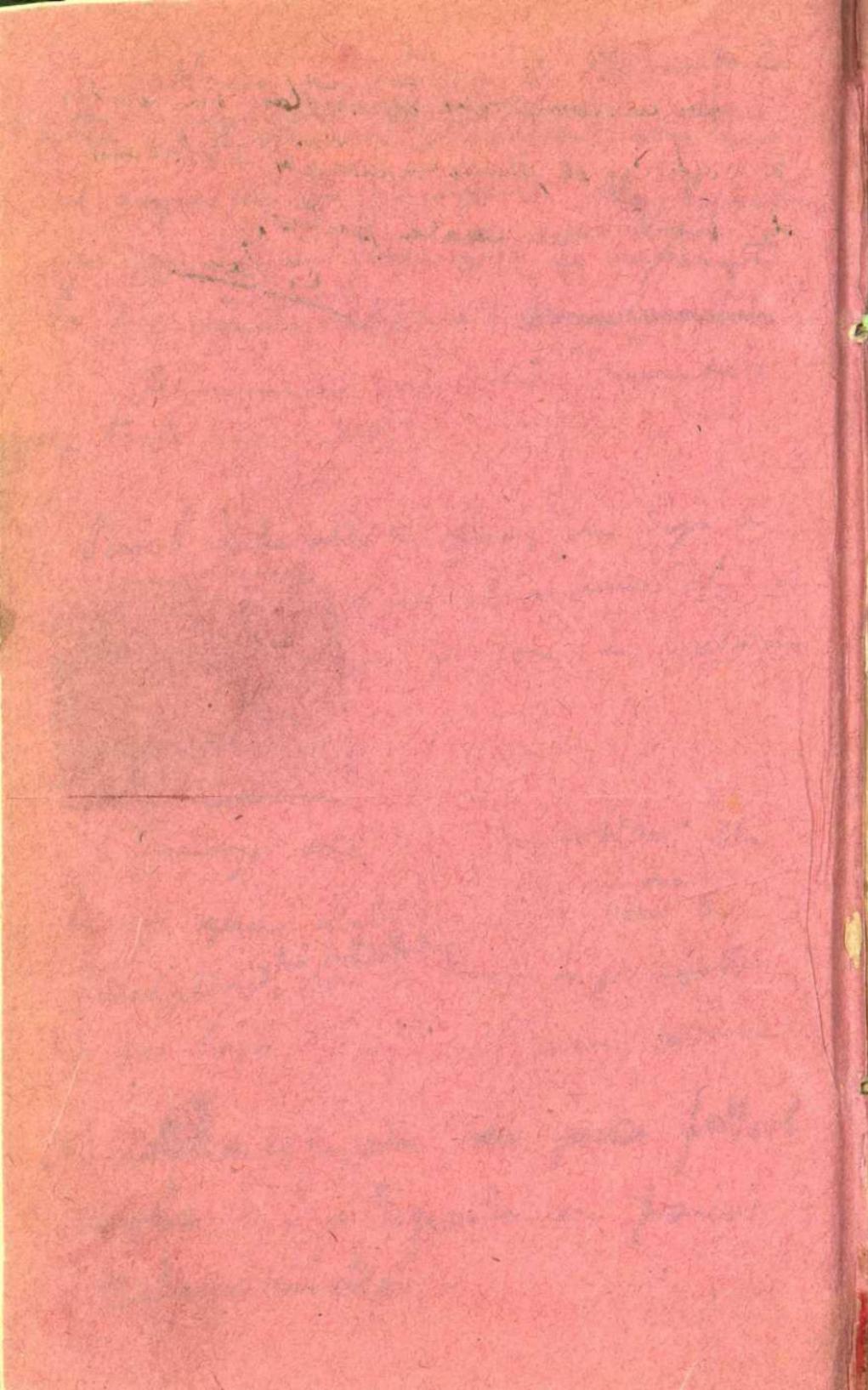
Ni ~~a la~~ cognición ~~no~~ puede faltarle
mucha, ni a ^{desgracia} su francés
calumnioso.

los universitarios españoles en su libro
de golfos; y el Museo de Ciencias Naturales
de Madrid una cuadra pintada.

C. Ben



"tas", decía Cavour. La misma apreciación
severa puede aplicarse a la política con que



Un telegrama naturalista muy poco natural

En el número 22 del tomo 167 de los «Comptes Rendus de l'Académie des Sciences», de París, fecha 25 de Noviembre de 1918, se publica la siguiente comunicación:

«El señor secretario perpetuo da lectura al siguiente telegrama:

Madrid, 16 de Noviembre de 1918.— Gran número de naturalistas españoles, que se han reunido para celebrar el «triumfo de la civilización», saludan en vuestra persona á sus colegas de las naciones aliadas —Hernández Pacheco, Fernández Navarro, Lozano, Cabrera, Merced, Zulueta, Surmely, Cuesta, Zarco, Carandell, Rioja, Alvarado, Sánchez, Ferrer, Gila, Fresoa, Royo, Ibarra, Pereda, Cusi, Susaeta, Rosilló, Bolívar, Ilueca.»

Como se ve por lo que antecede, un pequeño grupo de naturalistas españoles (algunos de ellos tendrían que demostrar qué lo son) se empeña en poner en ridículo á todos los demás del país, «asaltando las traseras de las carrozas triunfales».

Sólo puede tener alguna disculpa este lamentable telegrama, teniendo en cuenta que todos sus firmantes, excepto el Sr. Surmely (que no es naturalista, ni español), ignoran el alemán, no conocen Alemania y no han leído siquiera las principales obras y revistas de ciencias naturales, todas ellas germanas precisamente. Es decir, que son la menor cantidad posible de naturalistas.

Me parecen que es de Villar

la más peligrosa, que consiste en aumentar los subsidios, medida que fomenta la holganza, impone nuevas cargas a la producción y dificulta las exportaciones. «Cuálquier imbécil puede gobernar con bayonetras», decía Cavour. La misma apreciación serviría bueyada cabrío.